



A pandemia da Covid-19 nas capas da revista Veja: uma análise do discurso e das relações de poder¹

Manuela Rau de Almeida CALLOU
Docente de graduação em Relações Públicas da Ufal
Juan Pablo RICARDO
Professor da Escola Nossa Senhora Aparecida e estudante de letras do Ifal
Emídio David da S. Albuquerque FERRAZ
Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Este artigo propõe analisar os discursos e relações de poder nas capas da revista Veja, considerada uma das maiores revistas de circulação do Brasil, relacionadas à Covid-19, além de compreender como tais narrativas afetam, simbolicamente, o imaginário dos leitores sobre o fenômeno e sobre o próprio veículo. Para isso, lançamos mão da discussão sobre o poder simbólico de Bourdieu, a Análise do Discurso (AD) Francesa e, através da análise das capas, discutir as relações de poder de Foucault nos exemplares da revista dentro do período pré-pandêmico, pandêmico e pós-pandêmico catalogados.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; Análise do Discurso; Revista Veja; Relações de Poder; Narrativas.

Sobre a pandemia da Covid-19 e o percurso metodológico da pesquisa

O impacto mundial da pandemia da Covid-19 trouxe mudanças significativas na contemporaneidade. Uma delas são os próprios meios de comunicação, que se transformaram em atores chave para informar, aos cidadãos, sobre a prevenção e a doença da covid-19, principalmente durante as fases mais críticas do confinamento.

Partindo da concepção da existência de confiança entre os brasileiros nos meios de comunicação impressos, as revistas se destacam pela sua periodicidade e pelas imagens reproduzidas nas capas, enquanto elementos simbólicos. O estudo propõe uma amostra intencional, como método de amostra não probabilística (OTZEN y MANTEROLA, 2017), a partir do critério dos investigadores, amparada nas perspectivas teóricas desenvolvidas por Hallin y Mancini (2011), relacionadas aos sistemas políticos no contexto sociocultural e sobre o poder, no entendimento de Michel Foucault. Assim, a proposta analisa as produções discursivas nas capas da revista Veja, considerada uma das maiores revistas de circulação do

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em Relações Públicas e Comunicação Organizacional, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

Brasil, relacionadas à Covid-19, à prevenção da doença e seus desdobramentos, além de compreender como tais enunciações afetam, simbolicamente, o imaginário dos seus assinantes ou leitores sobre o fenômeno e sobre o próprio veículo que os informa.

Este trabalho considera as capas da revista como elementos fundamentais que sintetizam e hierarquizam o que um meio de comunicação considera de maior importância. A capa é, definitivamente, um espaço privilegiado de construção da identidade pública (SUNKEL, 2002). O estudo se desenvolveu durante o período do início da pandemia até o final, a partir da escolha de algumas capas da revista.

Entendemos ao processo pandêmico como um fenômeno por etapas dado que no próprio processo temporal a pandemia não foi um fenômeno lineal nem homogêneo. Como todo processo de longa duração houve diferentes etapas com características próprias, desde o surgimento da doença, a difusão, as medidas para conter a propagação, as discussões internas e externas provocadas pelas medidas do poder político enquanto a vacinação e restrição de circulação de pessoas e novas cepas. A significação, interpretação e compreensão desse material que, segundo Orlandi (2012), os sujeitos simbólicos participam desse processo de produção de sentido instalados numa materialidade discursiva a partir de artefatos simbólicos inscritos num tempo histórico determinado pelos mecanismos de produção que lhes são inerentes tanto desde o ponto de vista ideológico como desde sua exterioridade. Portanto, foi vital traçar uma linha histórica mínima com os fatos contextuais internos e externos que alimentavam essa discussão.

Os elementos simbólicos e os conceitos e contribuições de Pierre Bourdieu (2007) referente às práticas simbólicas legitimadas são fundamentais porque determinam e estabelecem marcos de relações entre esses diferentes significantes num conjunto maior de relações como a linguagem, os símbolos e as normas culturais hegemônicas e naturalizadas. O autor salienta que esses artefatos simbólicos conferem legitimidade às estruturas de poder vigentes numa relação simbiótica onde se perpetuam as disparidades sociais, econômicas, culturais, políticas e intelectuais. Já dentro do plano discursivo, analisaremos a partir dos elementos do AD a percepção da opacidade da linguagem e a possibilidade de explicitar como esse objeto simbólico produz sentido. Nesse caso, nos apartamos da noção de que a linguagem é transparente e possui elementos a serem descobertos. Ao contrário, tentaremos compreender como essas capas ou textos produzem sentido e a ideologia será percebida como um processo de construção do imaginário, isto é, uma produção particular e necessária.

A partir da compreensão de Foucault (1997), em que a microfísica do poder se manifesta nas instituições e nos discursos realizados também por elas, as narrativas produzidas tanto nas capas como nas linhas editoriais produzem um imaginário desde essas práticas sociais. Através dos discursos, pode-se entender a relação entre novos significantes a partir dessas novas estruturas simbólicas, as instituições envolvidas nesse discurso, as práticas sociais e o que se suprime ou se eleva. As interações cotidianas e as práticas discursivas exercem influências tanto para definir hierarquias como para definir o normal ou correto em contextos sociais específicos como no caso do processo pandêmico.

Essas formações discursivas criam uma identidade onde a memória discursiva tem um papel preponderante e que a revista faz o recorte e mostra de forma simbólica todos os significantes sociais, institucionais e históricos abrindo uma nova cadeia simbiótica de significantes e ideologias. A partir desse entendimento, buscamos investigar como essas construções levam a revista a adotar posicionamentos em detrimento da compreensão de seus assinantes sobre ela, ou seja, vemos como o mercado e o poder econômico constrói a versão que quer escutar, participando da construção desse imaginário.

Análise das capas da revista Veja: discursos e relações de poder

A partir da análise do material, percebeu-se uma nova perspectiva sobre como a revista Veja produz um discurso ao longo do tempo, indo além do foco apenas na prevenção. Com base na visão foucaultiana sobre a construção discursiva e ideológica presente no discurso de Pêcheux, examinamos agora, a partir das capas da revista Veja, a construção de um posicionamento.

É importante a tomada de um espaço de posicionamento pela revista, especialmente por que, no período pré-pandêmico, a revista assume nas capas “O vírus do medo” e “Ele está entre nós”, de 5 de fevereiro e 4 de março de 2020, respectivamente, um discurso de que há muito alarde em volta da doença e que a Covid-19 seria facilmente controlada caso chegasse ao Brasil. Desde o ponto de vista de Foucault (1997), percebemos uma espécie de subversão e resistência no sentido de como foi enfrentado os primeiros dias da pandemia e especialmente se consideramos também como outras vozes de poder vindas desde o exterior consideravam a pandemia. Especialmente nos Estados Unidos, Reino Unido e Itália onde o discurso desde o governo era quase de negação. Portanto no contexto nacional existia a luta pela hegemonia ideológica e discursiva. A polarização política derivou em polarização ideológica e, portanto,

discursiva. Dependendo da orientação ideológica houve alternância nos papéis de resistência e subversão criando duas narrativas com grande peso social e isso só foi possível porque houve grandes setores sociais que apoiavam um ou outro grupo.

Na capa “Até quando?”, de 8 de abril de 2020, o anseio dos brasileiros pela retomada da antiga normalidade com a visão crítica em relação ao período de quarentena, com a imagem de uma mulher ‘livre’, nas ruas. Essa capa, além de produzir a narrativa de força de verdade foucaultiana, reafirma o discurso de que, se a população se resguardar e respeitar o isolamento social, em breve, os números da Covid-19 cairiam e a reabertura social estaria mais próxima. Mas por outro lado, mostra que o isolamento não é a melhor forma de enfrentamento.

Esta prerrogativa insere a posição da revista no curso discursivo de combate ao discurso que atenua o valor maior à economia brasileira do que o momento de isolamento e cuidados sanitários recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e órgãos de saúde nacionais. É importante salientar este movimento, pois delimita uma caracterização político-ideológica da Veja. É nesse ponto que percebemos as oscilações ideológicas a respeito da pandemia. Até que ponto é possível apoiar e em que momento ser crítico? No caso da pandemia não, o posicionamento ideológico junto às instituições de poder nacional frente às instituições internacionais colocadas numa guerra ideológica levou a existência de leituras enfrentadas da realidade.

Essa construção argumentativa, mais tarde, fica mais clara em relação a oposição às práticas de governança do veículo para com o governo federal vigente, na figura de Jair Messias Bolsonaro, na edição de 22 de abril de 2020, intitulada “Quem manda sou eu”. Em tom satírico, a capa contém a foto do até então presidente com uma caneta, que simbolicamente, representa o ‘poder da canetada’, a assinatura final de quem demite um ministro que é contrário à sua decisão sobre o relaxamento da quarentena. Além de delimitar aqui uma oposição ideológica e política, no imaginário de seus leitores, essa formação discursiva atribui a Bolsonaro um caráter autoritário e hostil em relação aos cuidados sanitários.

Logo então, o fio narrativo se atualiza para a corrida das vacinas, a necessidade de vacinação massiva, a discussão sobre o ‘novo normal’ e as flexibilizações para retomada e reabertura social devido à queda do número de mortes diárias, adotando uma narrativa de que a superação da doença estaria próxima, mesmo ainda convivendo com o vírus. A exemplo, a edição “Ele veio pra ficar”, de 1º de setembro de 2021, apresenta a adaptação da comunidade brasileira a uma rotina com a Covid-19 menos letal.

Na capa da revista “O início do fim”, de 23 de fevereiro de 2022, a narrativa produz os sentidos de que a pandemia parece estar caminhando para sua finalização, a partir também das imagens contidas nas capas: personagens sem a utilização de máscaras ou tirando-as. Esses sentidos geram a sensação de que as medidas adotadas pelo Brasil vão trazer o país à normalidade, à vida anterior à Covid-19. A partir dessa narrativa, várias outras capas de revista repercutem uma nova fase desse contexto pandêmico, indicando uma nova realidade da pandemia brasileira.

Nessa perspectiva, analisando a capa de 22 de fevereiro de 2023, exatamente um ano após a anterior analisada, “O carnaval pós-pandemia” concebe o sentido de que a Covid-19 foi superada. A pandemia chegou ao fim, sendo celebrada com a chegada de uma festa popular brasileira, trazendo na memória discursiva essa celebração popular aglomerada de gente como sinônimo de expectativas: pessoas se encontrando, aproveitando as festividades e, ainda, movimentando o campo turístico, um dos mais afetados pela Covid-19. As imagens produzem os sentidos da superação da pandemia, refletindo o novo mundo pós Covid-19.

Considerações Finais

Diante do exposto, a revista *Veja* constrói as narrativas a partir do que considera relevante nas capas da revista, como um espaço simbólico de construção de sentidos. No caso em estudo, sobre a covid-19, a pesquisa demonstra as mudanças das narrativas da revista no início da doença, numa perspectiva contra a Covid-19 até chegar na construção do que denominamos de “triumfalismo” da pandemia da Covid-19.

Desde este ponto de vista, vemos como as instituições e veículos de comunicação exerceram o poder disciplinador e de controle dos corpos onde não faltaram práticas de vigilância, normalização e punições para quem desde um lado ou outro tentasse exercer oposições a algum posicionamento diferente aos dos grupos hegemônicos em pugna. Onde não faltaram construções subjetivas que iam desde um planejamento sistematizado de eliminação da população até uma força ditatorial que forçasse os indivíduos a permanecer em casa sob um controle total do estado onnipresente. Os dispositivos de vigilância e normatização que Foucault tanto fala sobre o controle da população em um cenário pandêmico dentro de uma orientação ideológica exercida desde a presidência da nação colocavam esses mecanismos de pesquisa como elementos de opressão, onde a liberdade estaria marcada por não respeitar os mecanismos de saúde. Nesse sentido as construções de subjetividades e identidades



funcionaram de diversas formas onde quem tinha dinheiro tinha acesso a um tipo de pandemia e quem não tinha acesso a outro, assim como as possibilidades de isolamento e de educação, além da capacidade de geração de renda e, claro, a forma em o conceito de liberdade se ressignificou a partir do posicionamento ideológico.

É importante salientar tanto a memória discursiva como as imagens cotidianas configuram um tipo de discurso e poder - pessoas comuns retratadas e que mostram os problemas de pessoas “comuns” frente a uma problemática social, existindo, então, uma pugna entre o individual e o social. Uma vez estabelecida essa influência dos discursos da revista foram estabelecidas normas e variações de acordo com a modificação dos contextos e das lutas pela hegemonia discursiva dentro do mesmo processo pandêmico.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2012.
- OTZEN y MANTEROLA, 2017. Técnicas de muestreo sobre una población a estudio. **Int. J. Morphol.** 35(1): 227-232.
- SUNKEL, Guillermo. **La prensa sensacionalista y los sectores populares**. Bogotá: Editorial Norma.
- HALLIN, Daniel y MANCINI, Paolo. **Comparing Media Systems Beyond the Western World**. Londres: Cambridge University Press.